



# CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). Em 1981, associou-se a Candango Promoções Artísticas, através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que, há mais de duas décadas, cria campanhas publicitárias premiadas e consolida marcas fortes no mercado.

[cpereira@brasiliaemdia.com.br](mailto:cpereira@brasiliaemdia.com.br)

A COPA ACABOU. DEIXOU MUITAS LIÇÕES. FORAM 30 DIAS DE BONANÇA.



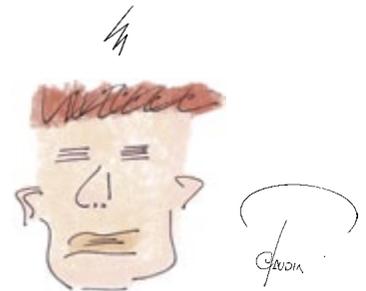
RESTA SABER SE CONTINUARÁ ASSIM. TUDO FUNCIONANDO, SEM A COSTUMEIRA VIOLÊNCIA E COM A EFICIÊNCIA QUE MERECEMOS.



A COPA MOSTROU TAMBÉM QUE, NO JOGO E NA VIDA, O QUE IMPORTA É A EQUIPE.



A SELEÇÃO ALEMÃ DEIXOU LIÇÕES DE SIMPLICIDADE, ELEGÂNCIA, COMPROMISSO SOCIAL E RESPEITO À DIVERSIDADE CULTURAL.



Fonte: Helio Oiticica, in: Escritos de Artistas – anos 60/70 – Orgs. Glória Ferreira e Cecília Cotrim.

**O BEM E O MAL** A Copa acabou. Deixou muitas lições. Algumas que já sabíamos. Outras, nem tanto. O brasileiro reafirmou sua hospitalidade e simpatia. O transporte público fluiu rumo aos estádios. O tráfego aéreo teve poucos atrasos e os aeroportos prestaram os serviços a contento. A segurança garantiu a possibilidade de ir e vir pelas ruas sem sequestro relâmpago, sem assalto e sem violência. Foram 30 dias de bonança. Uma trégua às agruras do nosso dia a dia. Resta saber se continuará assim. Tudo funcionando, sem a costumeira violência e com a eficiência que merecemos. Afinal, somos nós que pagamos a conta do bem e do mal que vivemos todos os dias.

**NO JOGO E NA VIDA** A Copa mostrou também que, no jogo e na vida, o que importa é o conjunto. Mostrou que “estrelas” ajudam na competição, mas não ganham a peleja. Que o diga Messi, da Argentina. A Alemanha, campeã desta Copa de 2014, revelou ao mundo que o que faz um time é a equipe. Em campo ou no banco de reservas, todos têm que estar preparados para ocupar seu lugar no jogo. Mostrou ainda que simplicidade encanta e elegância conquista.

**SHOW DE BOLA E DE CIDADANIA** Hóspedes de Cabralia, na Bahia, os alemães deixaram muitas lições. Entre elas, o compromisso social e o respeito à diversidade cultural. Homenagearam os Pataxós de Coroa Vermelha quando encenaram um ritual xamã, em torno da taça Jules Rimet, no Maracanã. Os mesmos Pataxós para os quais doaram R\$ 30 mil para a compra de uma ambulância. Além disso, o time alemão ofereceu doações para a Escola da Vila Santo André e financiou a construção de um campo de futebol para a comunidade. De quebra, ainda vai doar 25 bicicletas para as crianças da região. Um show de bola e de cidadania.

**CAIR NA REAL** A seleção de Joachim Löw emocionou os brasileiros e ganhou a torcida verde e amarela. Tanto que, na partida final, torcemos pelos alemães. Os mesmos alemães que nos deram uma surra de 7 x 1 mas, elegantemente, elogiaram o futebol canarinho e os nossos jogadores. Nós, que projetamos no futebol a cultura brasileira e espelhamos nos jogadores a identidade nacional, finalmente estamos percebendo que o futebol, como está, não é mais capaz de nos representar. Acho que caímos na real e podemos olhar de frente as nossas fragilidades.

**MAIS FORTE QUE O GOL** A Copa nos trouxe um choque de realidade. Descobrimos que, muito mais do que a “pátria de chuteiras”, somos um país que sabe construir estádios, organizar um evento mundial e receber o mundo com dignidade. O orgulho de ser brasileiro, cantado “à capela” nos estádios, é muito maior do que um jogo, muito mais forte do que um gol. A Copa nos trouxe de volta a vontade de crescer, o desejo de ser grande e a esperança de uma vida melhor.

**CONSTRUIR** E o mundo real está bem aí, na nossa frente. Daqui para frente, a grande peleja nacional não se dará no gramado dos estádios, mas na escolha do próximo presidente do Brasil. Uma conquista que não se resume na indicação de um governante, mas na nossa capacidade de construir uma nação responsável, madura e capaz de ocupar seu espaço no mundo.

**ORGULHO** Relembro aqui a construção de Brasília e o orgulho de brasileiros como Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Homens que pensaram um Brasil moderno, desenvolvido e corajoso. Um Brasil tão orgulhoso de si que até nos trouxe, em 1958 e 1962, a taça Jules Rimet. Mas, principalmente, nos deu a crença em nós mesmos, na nossa capacidade de pensar e realizar um Brasil novo, criativo e realizador.

**VONTADE CONSTRUTIVA** Lembro, então, do artista Hélio Oiticica e seu brilhante texto “*Esquema Geral da Nova Objetividade*”. Escrito em 1967, ele fala sobre a nossa arte, mas, principalmente, da nossa cultura. Segundo Hélio, os movimentos inovadores no Brasil têm uma vontade construtiva marcante. Ele lembra que “(...) até mesmo no Movimento de 22 poder-se-ia verificar isso, sendo, a nosso ver, o motivo que levou Oswald de Andrade à célebre conclusão do que seria nossa cultura antropofágica, ou seja, redução imediata de todas as influências externas a modelos nacionais (...) isso não aconteceria se não houvesse algo especial, característico nosso, que seria a vontade construtiva geral”.

**COMPORTAMENTO CRIADOR** Oiticica lembra ainda que foi desta vontade construtiva que nasceu a nossa arquitetura e os movimentos Concreto e Neoconcreto, todos eles, de certo modo, “*objetivando um comportamento criador*”. Além disso, ele diz, “(...) a condição social aqui reinante, de certo modo ainda em formação, colaborou para que este fator se objetivasse mais ainda: somos um povo à procura de uma caracterização cultural, no que nos diferenciamos do europeu, com seu peso cultural milenar, e do americano do norte, com suas solicitações superprodutivas”.

**SAIR DO CONFORMISMO** Pois é! Somos de fato um povo transformador. Experimentamos esta goleada humilhante no futebol, mas descobrimos que podemos realizar uma Copa do Mundo, aprendemos lições de trabalho em equipe, estamos clareando nossas ideias sobre direitos sociais e deveres cidadãos. Tudo isso significa – se nos inspirarmos em Hélio Oiticica – que nossa “vontade construtiva” poderá criar condições para sairmos do conformismo cultural, político, ético e social.